



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Campus de Araguaína
Laboratório de Línguas Indígenas

PROJETO DE PESQUISA

**Tática e socialidade na resistência cotidiana dos Apinayé: subsídios para
uma educação escolar bilíngüe e multicultural.**

Professora Dr: Miguel Pacífico Filho

Araguaína, 2009

I - Introdução

A percepção que a sociedade brasileira tem dos povos indígenas, ainda nos dias de hoje, está baseada na idéia de sua inadequação ao trabalho escravo, sua indolência e incapacidade de lidar com a nova realidade mercantil trazida pelos colonizadores. Em suma, estaria vinculada à sua incapacidade de influenciar historicamente os rumos da sociedade na qual foram inseridos. Tal percepção encontrou, ao longo da história do Brasil, fundamentação em referenciais históricos e jurídicos. Francisco Adolfo de Varnhagen defendia em meados do século XIX, com sua História Geral do Brasil, a idéia de que as populações indígenas não tinham história; que seria possível tão somente fazer-lhes a etnografia. Tal percepção encontra-se como sustentação de uma percepção que só muito recentemente encontrou críticas no meio acadêmico. O Código Civil brasileiro de 1916 consolida a idéia de incapacidade ao propor a perspectiva de tutela das populações indígenas pelo estado brasileiro.

Os anos 80, com a multiplicação dos programas de pós-graduação em História pelas universidades brasileiras e sua conseqüente consolidação nos anos 90, trouxeram a construção de uma percepção diferente daquela em vigor; quer seja através de dissertações e teses, quer seja através de grupos de pesquisa voltados ao tema. A participação do indígena como agente histórico veio à tona através de diversas pesquisas que valiam-se não só de novos métodos como de novas fontes de pesquisa. Como exemplo podemos citar o Núcleo de História Indígena e Indigenismo (NHII) da Universidade de São Paulo fundado no ano de 1990. Também no ano de 1990 publicou-se o trabalho História Geral do Brasil, organizado pela professora Maria Yedda Linhares, em cujo capítulo Conquista e Colonização da América Portuguesa o autor Francisco Carlos Teixeira da Silva nos diz o seguinte a respeito das práticas das populações indígenas quando do processo de ocupação de seus territórios pelos portugueses:

“ as guerras, cruentas e exterminadoras, foram conseqüência direta da implantação agrícola do colono. A resistência indígena foi mais forte no Rio de Janeiro, a cargo dos tamoios, e no nordeste, para onde convergiam inúmeras nações, opondo-se duramente à penetração européia”

Outros fatores influenciaram também para a construção dessa nova percepção:

no final dos anos e 1970 e início dos anos de 1980 multiplicam-se as organizações governamentais e não-governamentais de apoio aos índios. Nasce também a primeira organização indígena de âmbito nacional, a (UNI), a partir da qual se formam outras organizações regionais ou étnicas. São freqüentes os “Encontros de Educação Indígena”. Foram escritos muitos documentos desses encontros, com reivindicações por escolas diferenciadas e Declarações de Princípios. (CAMARGO & ALBUQUERQUE, 2003)

Como consequência e parte de todas essas discussões é possível citar ainda a criação das Licenciaturas Interculturais, previstas pela Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, cujo curso instaurado pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) ainda naquele mesmo ano tornou-se pioneiro no Brasil na formação de professores indígenas em nível superior.

A Universidade Federal do Tocantins encontra-se situada geograficamente em local de forte presença de povos indígenas. O campus dessa mesma universidade, do qual surge a presente proposta, situa-se na cidade de Araguaína, encontra-se próximo de povos como os krahô, os Krikati, os Karajá e os Apinayé. Estes últimos foram selecionados como objeto dessa pesquisa. Cabe dizer que tal escolha foi feita pensando-se, primordialmente, na experiência de pesquisa possuída pelo coordenador dessa proposta, bem como pelos resultados apresentados por uma das escolas localizadas entre os Apinayé no ENADE de 2008.

A contextualização feita acima faz-se aqui necessária na medida em que serve de cenário para a apresentação e justificativa de nossa proposta de pesquisa. Atrelada a um contexto investigativo mais amplo, a saber, às outras duas pesquisas que compõem a presente proposta ao Edital nº 001/2009 do Observatório da Educação Escolar Indígena; podemos dizer que nosso objetivo primeiro é fornecer subsídios para uma educação escolar bilíngüe e multicultural. Sendo assim, passamos agora a uma exposição propriamente dita de nossos objetivos para no momento seguinte demonstrar como eles se ligam às demais propostas.

II - Referencial teórico:

Situamos nossa proposta dentro do campo de estudos históricos conhecido como história do cotidiano que, grosso modo, pode ser assim compreendido:

“em termos bem gerais, os estudos sobre cotidiano tendem a valorizar, como foco de atenção, as ações individuais frente às circunstâncias da vida, sobretudo no plano da intersubjetividade. Para alguns, importam menos as “estruturas do cotidiano” que os tipos de ação observados em seu interior”. (GUARINELLO, 2004).

Noções de resistência observadas a partir de ações cotidianas dos sujeitos históricos podem ser interpretadas à luz de conceitos desenvolvidos por autores como Michel de Certeau e Michel Maffesoli, que ora passam a ser, através de determinados conceitos que propuseram, a sustentação teórica para abordagem que apresentamos. Discutiremos então, os conceitos de tática e socialidade e a forma como serão empregados.

Não por acaso selecionamos nosso referencial teórico. Podemos dizer que a percepção dos povos indígenas sobre seu atual posicionamento na sociedade brasileira nos levou a cogitar a possibilidade de visualizar suas práticas cotidianas de resistência. Aílton Krenak, destacada liderança indígena e coordenador da Rede Povos da Floresta assim percebe a situação dos povos indígenas no Brasil:

“nós estamos assistindo de uma maneira imperativa, participando nem sempre de uma maneira que resulte para nós em conquistas efetivas. Muitas vezes a gente participa desse processo mais como vítima – é ruim adotar essa condição – mas, na maioria das vezes, as comunidades indígenas estão à margem do processos de decisão e sofrendo a vitimação movida por uma cultura. Eu estou fazendo essa referência um pouco incisiva no aspecto do conflito de territórios de um povo e ocupação desse território por uma outra tradição, por uma outra maneira de viver, por uma outra forma de expressar uma cultura. Estou procurando com isso iluminar este passado recente, pois acho importante que nós nos esforcemos daqui para frente no sentido de reconhecer que o que sobreviveu destas culturas à revelia, longe do esforço do

Estado ou da sociedade regional em proteger, respeitar, preservar, ou qualquer coisa que tenha semelhança com solidariedade, merece respeito e deverá ser reconhecido” (KRENAK, 1996).

Fica explícita tanto a consciência de uma cultura que sobreviveu sem mecanismos de proteção do Estado quanto a percepção de que não muito dessa mesma cultura restou. As perguntas que fazemos são exatamente sustentadas por essa percepção: quais os mecanismos utilizados por esses povos para resistir e preservar traços culturais ? Quais procedimentos cotidianos foram adotados para fazer frente a essa imposição de outras percepções de mundo?

Recorreremos então aos dois autores acima citados. Suas percepções acerca do cotidiano são aqui entendidas como complementares pois enquanto De Certeau busca perceber os procedimentos dos sujeitos dentro do território do outro; Maffesoli busca demonstrar como esses mesmos sujeitos colaboram de maneira furtiva dentro das condições impostas pelo outro na busca da construção de espaços próprios.

Vejam os conceitos a serem utilizados. Michel De Certeau propõe a tática como sendo o procedimento adotado por aqueles que necessitam operacionalizar o jogo cotidiano dentro de referenciais estabelecidos pelo outro. Dentro de determinados padrões que não raro lhes são estranhos. Sabe-se que atualmente muitos dos povos indígenas vive em permanente contato com a sociedade não indígena. Para observar as diversas nuances dessa relação, e conseqüentemente nela buscar as resistências cotidianas é que buscaremos as proposições de De Certeau. Assim ele estrutura e expõe aquilo que entende como sendo a tática:

“um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O próprio é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende

do tempo, vigiando para captar no vôo possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões. Sem cessar o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.” (DE CERTEAU, 1994).

Uma outra possibilidade de observação daquilo a que nos propusemos verificar encontra-se no conceito de socialidade proposto por Michel Maffesoli. Este autor nos possibilita perceber os mecanismos através dos quais aqueles que, em desvantagem no jogo social, assimilam parcial e aparentemente determinados valores somente para efetuar pequenas trapaças em relação àquilo que traz o traço do controle social. Na construção de seu cotidiano e conseqüentemente na aproximação com práticas e percepções de mundo divergentes das suas, os apinayé constroem maneiras de lidar com o outro e lhes observar as práticas. Buscaremos nas proposições de Maffesoli ferramentas para dimensionar características dessa aproximação. Particularmente trabalharemos o conceito de socialidade:

“tudo a que chamamos a socialidade esta resumida numa fórmula: pratica-se o sistema D em relação a tudo o que parece exterior, seja o oficial ou o dominante, e, ao mesmo tempo se é firmemente fiel aos valores do grupo ou da rede. A lealdade ao local admite muito bem pequenas trapaças em relação a tudo o que traz o controle social, da ajuda pública, do trabalho, da propriedade privada ou pública”. (MAFFESOLI, 2001).

II - Objetivos:

- 1- Trabalhar com representantes dos diversos segmentos da população apinayé, a saber, caciques, professores e habitantes das aldeias, buscando visualizar as táticas por eles utilizadas para desenvolver práticas cotidianas de resistência no sentido de preservar traços identitários.
- 2- Observar como se dá a apropriação e o manuseio de referenciais não índios pelos apinayé.

- 3- Fornecer subsídios para uma educação escolar bilíngüe e multicultural na media em que buscaremos demonstrar quais elementos identitários os apinayé buscam preservar

III – Metodologia

Participantes

Serão selecionados seis sujeitos com as seguintes características: um cacique de cada aldeia. Dois professores indígenas. Dois membros da aldeia que não sejam considerados liderança.

Método

O trabalho com os sujeitos será realizado, nas duas aldeias selecionadas, da seguinte maneira:

- 1) 1 visita a cada uma das aldeias para seleção dos sujeitos a serem entrevistados
- 2) 5 sessões de entrevista , com cada um dos sujeitos, através das quais se buscará perceber que percepção os apinayé possuem da relação que estabeleceram com a cultura não indígena
- 3) 5 reuniões de estudo dos temas levantados pelos sujeitos buscando visualizar aquilo que eles compreendem como sendo fundamental preservar.

Análise dos dados

Devemos ressaltar que todos os dados serão analisados á luz do referencial teórico adotado e devidamente exposto no item II deste projeto.

IV - Cronograma:

Cronograma de execução

Ano/Etapas	2009		2010		2011	
	2º semestre		1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X	X
Apresentação da proposta nas aldeias	X	X				
Coleta de dados			X	X	X	X
Descrição dos dados				X	X	X
Organização dos dados					X	X
Relatório final						X
Elaboração dos resultados						X

V- Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, J.G. O papel da antropologia, da lingüística e da pedagogia na educação escolar indígena. In: MARFAN, M. (Org.). Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena. Brasília, DF: MEC/SEF, 2002.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. (org). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAYRELL, Juarez (org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1996.

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org). Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LINHARES, Maria Yedda (org). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente – por uma sociologia da vida cotidiana. Natal: Argos, 2001.

MATO GROSSO. Projeto Tucum. *Histórias Xavante*. Mato Grosso: SEPLAN/Governo do Estado de Mato Grosso, 1999.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVA, A.L.; GRUPIONI, L.D. (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília, DF: MEC/ MARI/UNESCO, 1995.

_____. &. FERREIRA, M.K.L. (Org.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.

VI - Plano individualizado do aluno bolsista

Bolsista: será selecionado um aluno indígena da UFT para participar da pesquisa proposta.

Objetivos:

- realizar iniciação científica com o aluno indígena;
- Introduzir o aluno nos debates sobre a questão da resistência indígena- aprender e participar de todas as etapas de uma pesquisa científica.

Ações propostas:

- 1) Leitura e debate de material sobre pesquisa e metodologia científica
- 2) Leitura e debate de material sobre desenvolvimento e conceitos ligados à resistência
- 3) Leitura e debate de material sobre educação indígena
- 4) Preparação para acompanhar nas visitas práticas
- 5) Preparação para auxiliar na coleta de dados – com ênfase nas técnicas de observação
- 6) Participação nos debates de análise de dados e produção dos relatórios finais.

Metodologia:

Além das visitas as aldeias, o aluno terá encontros quinzenais com o coordenador da pesquisa, configurando assim num grupo de estudo que perdurará pelo tempo do projeto.

Cronograma do aluno

1º semestre de 2010 – o aluno receberá material para leitura sobre iniciação científica e ficará a disposição dos outros dois pesquisadores, uma vez que coordenadora deste projeto estará de licença maternidade (vide cronograma do projeto)

2º semestre de 2010 – encontros quinzenais e preparação teórica do aluno. Participação na coleta de dados.

1º semestre de 2011 - encontros quinzenais e preparação teórica do aluno. Participação na coleta de dados.

2º semestre de 2011 - encontros quinzenais e participação na análise dos dados. Participação na coleta de dados. Escrita dos resultados.